

## As ironias da ordem em Carlos Drummond de Andrade e Fernando Pessoa

Maria Esther Maciel  
(UFMG)

*O que não está ordenado de um modo definitivamente provisório o está de modo provisoriamente definitivo.*  
(Georges Perec)

A palavra *inventário* designa, como se sabe, a “relação dos bens deixados por alguém que morreu”, “o documento ou papel em que se acham relacionados tais bens”, “lista discriminada, registro, relação, rol de mercadorias, bens, etc.”, e, em sentido lato, “descrição ou enumeração minuciosa de coisas”. Para além das demarcações do dicionário, é possível ainda identificar uma afinidade explícita do termo com as palavras “invento/invenção” (coisa imaginada, criada, feita, engendrada), o que o levaria a se aproximar – por vias oblíquas – também dos campos do *fazer* poético e ficcional.

É precisamente enquanto combinatória desses sentidos possíveis da palavra que se pode falar de uma “poética do inventário” na poesia de Carlos Drummond de Andrade, visto que esta se presta tanto ao gesto taxonômico de *inventariar* coisas quanto o de *inventar* formas poéticas alternativas, híbridas, a partir de suas inúmeras listas, catálogos, recenseamentos e enumerações. E mais: de reinventar ironicamente os dispositivos institucionalizados de classificação, evidenciando que os sistemas de organização das coisas e do conhecimento – não obstante atendam à necessidade humana de dar sentido à multiplicidade e ao caos do mundo – são também mecanismos legitimados pela lógica burocrática do mundo moderno e contemporâneo, com a função de ordenar, controlar, hierarquizar e rotular nossa vida cotidiana. Sob esse prisma, são exemplares os poemas drummondianos que recriam – por vias muitas vezes insólitas – inventários jurídicos, receitas e bulas de remédio, instruções para uso de produtos, cadastros e listas administrativas, apólices, classificados das páginas

amarelas, levantamentos estatísticos e descrições imobiliárias, com o propósito de criticar tais formas de controle e, ao mesmo tempo, desestabilizá-las pela força da poesia.

Soma-se ainda a esse exercício irônico que Drummond faz das classificações um outro gesto taxonômico, de ordem um tanto distinta: o de registrar/catalogar as coisas e lembranças do passado, conferindo-lhes o papel de “testemunhos” (aqui, no sentido arqueológico do termo) de um tempo irrecuperável, de modo a fazê-las durar, como diria Jorge Luis Borges, “para além do nosso esquecimento”. Isso confere a muitos dos inventários e catálogos drummondianos também um traço afetivo, dado que eles acabam por compor uma espécie de narrativa íntima da história do próprio poeta e de seus diversos “eus” ou personagens poéticos. Nesse sentido, pode-se dizer que tais inventários configurariam o que Philip Blom, no livro *Ter e manter – uma história íntima de colecionadores e coleções*, chamou de “teatro da memória, uma dramatização e uma *mise-en-scène* de passados pessoais e coletivos, de uma infância lembrada e da lembrança após a morte”.<sup>1</sup> Isso porque eles garantem a permanência dessas lembranças ao fixarem em um espaço comum os objetos que as evocam.

Um olhar diacrônico pela vasta produção poética de Drummond permite-nos identificar esses procedimentos em várias fases de sua poesia, o que atesta o impulso catalogador drummondiano como uma das linhas de força de sua obra. Já em *Alguma poesia*, de 1930, o levantamento de objetos que circundam existências ou definem paisagens íntimas de pessoas se faz ver, como no poema “Família”, no qual a listagem de todos os elementos que fazem parte do universo prosaico de uma família é o que justifica a existência das próprias pessoas da casa. Papagaio, gato, cachorros, galinhas, móveis, aparelhos, cigarros, bilhetes integram o espaço da casa, convertidos em referências vitais de um pequeno grupo composto de três meninos, duas meninas, uma cozinheira, uma copeira e “*uma mulher que trata de tudo*”. Procedimento esse que, em *A rosa do povo* (1945), se mostra de maneira mais clara, haja vista a enumeração caótica de tudo o que, segundo o poeta, define o presente do mundo de “homens partidos”, no poema “Nosso tempo”; a bela seqüência dos traços que restam do medo, do asco, dos gritos gagos e da rosa, em “Resíduo”; os registros administrativos da “Noite da repartição”,

<sup>1</sup>BLOM, Philipp. *Ter e manter – uma história íntima de colecionadores e coleções*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 219.

dentre outras enumerações de coisas e palavras variadas. Isso, para não mencionar o rol de palavras do poema “Isso é aquilo”, de *Lição de coisas* (1962), que coloca em evidência a lista como um dispositivo taxonômico importante, capaz de reforçar o caráter paratático da linguagem poética.

Vale lembrar que o ato de inserir palavras, objetos, animais, eventos e nomes de pessoas em listas foi uma das primeiras práticas taxonômicas de que se tem notícia nas civilizações alfabetizadas, figurando como o procedimento arquivista mais elementar advindo da influência da escrita nas operações cognitivas. Como explica Jack Goody<sup>2</sup>, a história documentada dos primeiros séculos das culturas escritas mostra que as listas floresceram exatamente nesse período, tomando a forma de longas tiras feitas de madeira, pedra, argila, pedaços de pano ou qualquer outro material sólido, nas quais eram gravadas as palavras em série, com diferentes propósitos: desde a simples nomeação das coisas até um levantamento mais exaustivo destas. Listas administrativas, funerárias, literárias, religiosas e lexicais são encontradas em várias culturas antigas, sendo que algumas já funcionam como uma espécie de protodicionários ou enciclopédias embrionárias. Muitas cobriam um vasto campo de observações astronômicas, climáticas, medicinais. Outras, de caráter lúdico ou didático, já consistiam no levantamento de nomes de pessoas ou coisas começados com uma determinada letra do alfabeto.

Ao adotar a estrutura de lista/catálogo em alguns de seus poemas, como o “Isso é aquilo”, Drummond confere um sentido lúdico ao ato de listar, ao mesmo tempo em que deste subtrai a dimensão meramente pragmática, de ordenação, inserindo-o no espaço móvel e cambiante da poesia. Além disso, cria uma configuração alternativa para o poema, assentada em princípios paratáticos e que tem no jogo continuidade/descontinuidade a sua base. Se toda lista é contínua, isso acontece porque enumera, apresenta as palavras em seqüência. Mas por não oferecer nexos sintáticos entre as palavras listadas, caracteriza-se também pela descontinuidade. Seus traços constitutivos são, portanto, paradoxais, como aponta ainda Goody, ao arrolar em um parágrafo as principais características de uma lista:

A lista aposta mais na descontinuidade do que na continuidade;

<sup>2</sup> GOODY, Jack. *The domestication of the savage mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p.74-111.

ela depende de um lugar físico, de uma local; ela pode ser lida em diferentes direções, de cima para baixo, de baixo para cima, da esquerda para a direita e vice-versa; ela possui um começo bem marcado e um fim preciso, ou seja, uma margem, uma borda, como uma tira de pano. E o que é mais importante, ela estimula a ordenação dos itens de que se compõe, através de números, pelo som inicial, por categoria, etc. Além disso, a existência de margens, externas e internas, traz grande visibilidade para as categorias, ao mesmo tempo em que as torna mais abstratas<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Idem, p.81.

Pode-se dizer que a lista, como dispositivo paradoxal, foi usada de diferentes formas por Drummond em *A falta que ama* (1968) – livro em que a poética do inventário (em todos os sentidos apontados no início deste texto) se dá a ver de forma mais explícita. Basta citarmos o poema “Bens e vária fortuna do padre Manuel Rodrigues, inconfidente”<sup>4</sup>, que apresenta uma espécie de *assemblage* de objetos, ou como disse José Guilherme Merquior, “um *ready-made* lírico tipicamente surreal-modernista”, em que a listagem dos bens materiais de um clérigo (“inimigo da Rainha / a perpétuo degredo condenado”) mantém as coisas em um estado de concretude irônica, para não dizer inusitada, como se pode ver no fragmento de um dos dois inventários dos bens do padre inconfidente:

<sup>4</sup>Todas as citações de poemas de Drummond foram extraídas de: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

3 manustérgios  
 1 corporal  
 1 brinco com olhinhos de mosquito  
 2 sanguinhos 3 amitos  
 1 casaca de lemiste forrada de tafetá roxo  
 1 cingulo  
 3 tomos de Cartas de Ganganelli  
 2 chapinhas de ouro de pescocinho  
 4 manípulos  
 2 casulas  
 1 lacinho de prata com pedras amarelas  
 1 leito grande de pau preto torneado  
 1 mantelete  
 1 bacia grande que terá de peso meia arroba  
 1 dita pequena de urinar  
 1 tomo de Obras Poéticas de Garção  
 (...)  
 (p.357)

Sem dúvida, se o conjunto dos bens do padre diz algo de quem os possui, dado o sabido poder que as coisas têm de evocar nossas referências e gostos particulares, a seleção e a ordenação dos objetos na lista funcionam como formas de arquivamento da própria existência do “personagem”, já que, como apontou Philippe Artières em suas reflexões sobre a constituição de arquivos particulares, “a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido” que se deseja dar a uma vida.<sup>5</sup> Por outro lado, a estranheza das palavras que nomeiam muitos dos objetos da lista acaba por funcionar como elemento de humor, capaz de abalar a função pragmática (ou burocrática) do inventário, inserindo-o na esfera da invenção.

<sup>5</sup>ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida In: *Arquivos pessoais*. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Ed. FGV, vol. 11, n.º 21, 1998, p.3. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf> (última consulta: 30/03/2006).

Em muitos outros poemas de livros subsequentes ao *A falta de ama*, há inumeráveis listas de objetos, como a dos trastes “para não serem consertados” (tamborete, marquesa, catre, selins, caçambas, embornais, cangalhas, etc.) em um compartimento de uma loja fechada, no poema “Depósito”; o extenso rol de coisas (que vão de sedas a jornais e rondós parnasianos) que constitui o que o poeta chama, não sem certa ironia, de “Império Mineiro”; os artefatos que circundam e definem a “vida/vidinha” de uma solteirona; a lista das mais de cem namoradas mortas no poema “Retrolâmpago de amor visual”; além da série de selos de uma coleção (no poema “O prazer filatélico”), a qual é capaz de permanecer apenas até que chegue ao colecionador “o tédio de possuir”. Registre-se ainda o poema “Escaparate”, de *Boitempo* (1968) no qual a relação de objetos dispostos sobre um armário sugere toda a atmosfera de doença que predomina no quarto antigo de alguém na iminência da morte:

*Sobre o escaparate  
preto  
o vidro de óleo de rícino  
a caixinha de cápsulas  
o copo facetado e  
a colher inclinada.  
Sobre o escaparate  
o relógio de algibeira  
o bentinho vermelho  
e o terço da aflição  
a chama*

*da vela de espermacete vigiando  
no castiçal de prata.  
Dentro do escaparate  
o ágate expectante do penico.  
Em volta do escaparate  
a negra cólica da noite – Estou morrendo.  
(p.490-491)*

No caso específico desse poema, o inventário de coisas atesta a vida (e também a morte) do sujeito que as possui ou a que elas se subordina, reiterando, por vias poéticas, aquilo que Jean Baudrillard afirmou a propósito dos objetos de uma coleção, ou seja, que os “distintos do modo como deles fazemos uso em um dado momento, representam algo muito mais profundamente relacionado à subjetividade”<sup>6</sup>. O que, inclusive, já havia sido, muito antes, atestado por Walter Benjamin em seu famoso ensaio sobre a arte de colecionar, ao mostrar que o colecionador é aquele que instaura “uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino”<sup>7</sup>. Creio ser esta a relação de Drummond com muitos dos objetos que ele arrola em sua poesia, como se estes tivessem a potencialidade de narrar uma vida, a qual também pode ser compreendida pelo uso ou desuso que se faz dela. E é nesse sentido que caberia aqui uma breve referência ao escritor francês Georges Perec, exímio “coleccionador”, para quem os objetos da vida cotidiana narram a história das pessoas e lhes servem de memória.

Afeito a verbetes de enciclopédia, levantamentos estatísticos, glossários, dentre outras modalidades classificatórias, Perec – que foi um dos mais ativos integrantes do grupo francês OULIPO (Ouvroir de Littérature Potentielle), surgido nos anos 60 – reinventou esses procedimentos em seus romances, a partir de critérios incomuns de ordenação. Além disso, desenvolveu uma instigante teorização não-convencional dos sistemas de classificação no livro *Penser/Classer*, evidenciando “o quão tentador é o afã de distribuir o mundo inteiro segundo determinados códigos capazes de reger o conjunto dos fenômenos”<sup>8</sup>, embora saibamos que “lamentavelmente não funciona, nunca funcionou, nunca funcionará”. Ou seja, ele reconhece o fascínio do ato de classificar ao

<sup>6</sup>BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. Trad. Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2000, p. 94.

<sup>7</sup>BENJAMIN, Walter. *Desempacotando minha biblioteca. Obras escolhidas II – Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 28.

<sup>8</sup>PEREC, Georges. *Penser/classer*. Paris: Éditions du Seuil, 2003, p. 153.

mesmo tempo em que proclama a instabilidade dos critérios classificatórios. Mas admitir tal instabilidade, segundo ele, “não impedirá que sigamos durante muito tempo classificando os animais pelo seu número ímpar de dedos ou por seus chifres ocos”<sup>9</sup>. E é a consciência desse paradoxo que o leva a adotar o humor e a ironia para subtrair da classificação suas funções utilitárias, libertando-a para usos imaginativos.

<sup>9</sup> Idem, p. 190.

<sup>10</sup>PEREC, Georges. *A vida – modo de usar*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

No romance *Vida modo de usar*<sup>10</sup>, o escritor conta a vida de seus personagens a partir das coisas que os rodeiam, detalhando tudo o que define e compõe o prédio que habitam, além de se valer de vários recursos taxonômicos como base da narrativa. Cadeiras, armários, cabides, estantes, livros, cômodas, objetos de arte, relíquias, malas, latas, utensílios domésticos, produtos de limpeza, dentre inúmeros outros artefatos que confirmam o triunfo da civilização da propriedade e do consumo, são exaustivamente listados e descritos por ele, compondo um inventário que – pelo excesso de ordem – acaba também por perder sua própria eficácia ordenadora diante da proliferação excessiva dos objetos e detalhes. Para o escritor, se, por um lado, a vida foi reduzida a manuais de instrução, as coisas, por outro, em seu poder de se integrar ao mundo humano, são capazes também de funcionar como registro sólido e incontestável de nossa presença na terra. O que, como já foi dito, também se confirma na poesia de Drummond.

Aliás, a descrição de objetos cotidianos que constituem o espaço de uma casa ou de um edifício também se faz presente em vários poemas drummondianos, como já tive a oportunidade de mostrar em um ensaio de 2004<sup>11</sup>. Sob esse prisma, vale a pena citar aqui o poema “Torre sem degraus”, um poema em prosa que encerra o *A falta que ama*, totalmente estruturado enquanto uma sucessão de fragmentos enumerados, cada um correspondendo ao andar do prédio que nos é apresentado. Lembrando, ainda que obliquamente, o edifício de Péric, a torre infinita de Drummond funciona como um catálogo de objetos, pessoas, animais, acontecimentos, textos, documentos, dentre outras coisas, aparentemente organizado pelos caracteres numéricos. Entretanto, o absurdo que dele emerge acaba por arruinar a ordem da enumeração, convertendo-a em uma espécie de “deriva aleatória”, para usar aqui uma expressão de Flora Sussekind.

<sup>11</sup>Cf. MACIEL, Maria Esther. *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004, p. 97-109.

Classificar converte-se, assim, em uma forma paradoxal de

o poeta burlar os próprios procedimentos legitimados de classificação, já que para ele, se as coisas podem ser postas em ordem segundo certos princípios reconhecidos cientificamente, elas podem também deixar-se reger internamente por uma “ordem muda”, movida por regras estranhas ou regra nenhuma.

*É preciso desconfiar das classificações*, ele parece os dizer. Sobretudo quando elas são colocadas a serviço do poder econômico e político, como os classificados de jornais e páginas amarelas, os recenseamentos, os anuários estatísticos e as fichas cadastrais. Isso se explicita em poemas como “Jornal de serviço – leitura em diagonal nas ‘páginas amarelas’”, composto de nove listas de produtos à venda, sejam eles pessoas (a exemplo dos “peritos em exames de documentos ou em imposto de renda”), sejam doenças, condimentos, máquinas e fogos de artifício. Em “Receituário sortido”, é a vez das receitas médicas, com listas lúdicas e irônicas de remédios para os tensos, insones, píssicos e ansiosos do Brasil moderno. O tom pragmático, próprio dos boletins meteorológicos e estatísticos, é o que predomina também em “Diamundo – 24h de informação na vida do jornaleiro”, em que são arrolados nomes e temperaturas de várias cidades do mundo, índices de poluição, anúncios imobiliários, indicadores econômicos, censos de casos de afogamento, previsões astrológicas, numa nítida alusão paródica aos clichês taxonômicos dos diários, boletins e informativos institucionais do mundo contemporâneo.

Inventariar aqui todos os poemas em que Drummond burla, com suas classificações paradoxalmente antitaxonômicas, os discursos oficiais e os clichês do discurso burocrático-institucional seria um trabalho exaustivo. O fato é que ele, ao construir sua poética do inventário, não deixa de se inserir em uma instigante linhagem de escritores modernos/contemporâneos, como Borges, Calvino e Perec, que se valem dos sistemas de classificação/ordenação para criarem seus próprios anti-sistemas, os quais desestabilizam a própria lógica ordenadora que os define. Uma linhagem na qual poderia se inserir também, em certa medida, o português Fernando Pessoa que, ao adotar ostensivamente em seus ensaios e contos esquemas de categorização científica, converte o excesso de ordenação no que Philip Blom chamaria de “caóticas conflagrações de curiosidades”.<sup>12</sup> Para não falar nas listas heteróclitas que compõem os longos poemas de Álvaro de Cam-



<sup>12</sup> BLOM, Philipp. *Ter e manter – uma história íntima de colecionadores e coleções*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.107.

pos, que à feição da poesia de Walt Whitman, estariam naquela categoria definida por Leo Spitzer como enumeração caótica. Aliás, ao criar toda a sua constelação heteronímica, com descrições, demarcações, mapas e classificações, não estaria Pessoa também criando um inventário dos outros de si mesmo?

No que se refere especificamente à sua prosa, é impressionante a proliferação de dispositivos classificatórios metodicamente ordenados em caracteres alfanuméricos e com divisões/subdivisões em várias categorias. Em praticamente toda a sua teorização do Sensacionismo, esse aparente rigor na formulação dos pressupostos estéticos do movimento se impõe, como que dando um revestimento científico, racional, a idéias e dizeres muitas vezes insólitos e paradoxais. O que se repete de forma mais explícita no *Heróstrato*, um verdadeiro tratado sobre a celebridade, o talento e o gênio, cheio de tipologias, divisões e tripartições que, pelo acúmulo, acabam por beirar a desordem, como, por exemplo, a classificação que ele faz dos homens célebres, considerando os tipos frustrados e os tipos imperfeitos. Mas é no interessantíssimo fragmento “Um paranóico com juízo”<sup>13</sup>, tido como um texto preparatório da “novela policial” *O caso Vargas*, que o rigor excessivo das categorizações é levado aos limites (ou deslimites) do *nonsense*. Com o propósito de descrever e analisar a patologia de um criminoso, Pessoa constrói o retrato de um assassino, com base em uma detalhada pesquisa taxonômica do comportamento humano, que inclui:

<sup>13</sup> PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1982, pp. 706-708.

“(1) Tipo de inibição: a) receio (não), b) moral (não), (c) fraqueza de vontade (sim). (2) Fraqueza de vontade: (a) da vontade de impulso (sim), (b) da vontade de inibição (não), (c) da vontade de coordenação (não) – disposição às avessas destas (isto é, b, c, a). (3) Fraqueza da vontade do impulso de fraqueza: (a) por debilidade mórbida, como no idiota (...) (b) por debilidade constitucional, como no vadio... (c) por excesso de atividade mental. (...)” (p. 706-707)

As subdivisões se seguem vertiginosamente, apresentando modelos de “atividade mental que produz a falta de vontade de impulso”, tipos gerais de concentração, tipos de concentração emotiva, de emoção repulsiva, de emoção defensiva, etc., até chegar a uma espécie de emoção que “tem o temperamento paranói-

co no fundo com o ocasional na superfície”.<sup>14</sup> E o narrador explica esta última categoria como “um paranóico inteiramente lúcido, isto é, tem todos os característicos da paranóia, menos o delírio central, que de fato constitui a paranóia.” E, entre parênteses, acrescenta: “(Se me é permitido usar de um paradoxo, direi, em conclusão desta série de raciocínios, que o autor deste crime é um paranóico com juízo)”.<sup>15</sup> Os limites desse texto inclassificável – que aparece como um “conto de raciocínio”, mas prescinde de um enredo e se furta às demarcações do gênero narrativo – se circunscrevem unicamente a essa classificação inusitada, a qual acaba por instaurar o caos dentro da própria ordenação que a define. Em decorrência da proliferação dos detalhes e subdivisões, as próprias categorias científicas (ou falsamente científicas) perdem a eficácia enquanto procedimento taxonômico e revelam sua inevitável arbitrariedade. Assim, movido pelo “demônio da classificação”, Pessoa opta por categorias que se sucedem, mas sem que delas o leitor deduza com clareza nenhuma idéia de sistema. É nesse sentido que, em oblíqua convergência com a poética drummondiana do inventário, Pessoa atesta ironicamente o dizer de Walter Benjamin, segundo o qual “toda ordem é uma situação oscilante à beira do precipício”<sup>16</sup>. Ou – poderíamos acrescentar, parafraseando Péc – que a ordem e a desordem, em seus limites, não deixam de ser duas palavras que designam por igual o acaso.

<sup>14</sup> Idem, p. 708.

<sup>15</sup> Idem, p. 708.

<sup>16</sup> BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. *Obras escolhidas II – Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 28.